

Quem somos? De onde viemos? A que mundo visamos? O Movimento LGBTI+ em xeque

Who we are? Where we came from? What world are we aiming for? The LGBTI+ Movement in check

Enviado em: 28-03- 2023

Aceito em: 08-06-2023

Paulo Souto Maior¹

O que é um livro? Se consultarmos o dicionário, encontraremos como significado, de modo bem geral, um conjunto de folhas de papel, coladas ou costuradas e cobertas por uma capa. Ele se distingue pelo gênero, pelo formato, pela edição. Mas, se perguntássemos como um livro pode funcionar, as respostas seriam as mais diversas, tamanha a subjetividade que enseja o questionamento. Particularmente, penso que um livro pode ser, a depender de algumas variáveis, um portal.

Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias, de Renan Quinalha, professor e ativista dos Direitos Humanos, é um desses livros que, uma vez em mãos, oferece um portal para um outro mundo, seja para a compreensão de certos casos que serão contados, seja para a contribuição que dá a nós mesmos, leitoras e leitores, da nossa percepção enquanto sujeitos.

Não espanta se o/a leitor/a já tenha travado contato com alguma obra do pesquisador. Renan Quinalha, já há alguns anos, tem produzido textos e livros na área de estudos de gênero e sexualidade, sendo que dois dos mais conhecidos pelo público especializado é *Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT* (2021), fruto de sua tese de

1 Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor colaborador no Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: paulosoutom@gmail.com

doutorado, e *Ditadura e homossexualidade: repressão, resistência e a busca pela verdade*, organizado em parceria com o historiador James Green. Além disso, o autor ocasionalmente produz textos, também na área, para a revista mensal Cult.

Em grande medida, o livro traça um panorama dos estudos LGBTI+, das movimentações de homossexuais nos cenários urbanos do Ocidente, com destaque para a Alemanha e os Estados Unidos, além da militância LGBTI+ no Brasil – desde a sua emergência até os dias atuais. A proposta pode parecer ousada, mas o autor consegue dar conta dela por meio da seleção que faz de temas e episódios importantes, selecionados e colocados em discussão.

E é bom que se diga, um livro escrito por um professor não vem apenas das referências que lê sobre um assunto, mas também das aulas e das trocas com as/os estudantes que atravessam o seu caminho. Não à toa, Quinalha destaca que a obra parte também de um curso sobre movimento LGBTI+ que contou com diversas edições, reunindo mais de mil participantes.

O livro não tem prefácio, mas é recomendado por nomes “de peso” relacionados tanto aos estudos sobre o tema, quanto na militância. A segunda capa é assinada pela apresentadora Rita von Hunty, para quem o Movimento LGBTI+ permite compreender “que nossa existência é um ato político”. A quarta capa, por sua vez, fica a cargo de Erika Hilton, travesti e atualmente deputada federal. Para ela, a obra é urgente e necessária.

Leitoras e leitores já familiarizadas/os com os estudos de gênero e sexualidades podem notar semelhanças entre a proposta do livro e pelo menos dois livros que o antecederam. Um deles é a clássica obra *Devassos no Paraíso*, de 1986, esforço pioneiro proposto por João Silvério Trevisan para contar uma história das homossexualidades no Brasil. O autor percorre a repressão a que eram submetidas pessoas que se relacionavam com outras do mesmo sexo no Brasil colônia, até a repressão, resistência e emergência do movimento homossexual na ditadura militar. A outra é *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, escrita pelo historiador James Green (2000), com um panorama da sociabilidade homossexual nas

idades de São Paulo e Rio de Janeiro. Ressaltarei adiante, na apresentação das partes do livro, em que aspectos a obra de Quinalha se singulariza.

As três partes, destacadas anteriormente, dividem-se em cinco capítulos: 1) Questões conceituais; 2) O surgimento de um (proto)ativismo organizado na Alemanha; 3) Ativismo nos Estados Unidos; 4) Movimentações e movimentos LGBTI+ no Brasil; 5) Desafios para o movimento LGBTI+ na atualidade.

O primeiro capítulo é um ótimo ponto de partida para aqueles/as que desejam incursionar pelos estudos de gênero e sexualidades. Nele, encontramos uma oportuna reflexão sobre a necessidade e as dificuldades em escrever histórias LGBTI+, no plural mesmo, pela sua diversidade, dada a lacuna de fontes, a destruição de registros pessoais, frequentemente encabeçados pelos próprios familiares, e, portanto, a saída teórico-metodológica de fazer uma história a contrapelo, reunindo os cacos oriundos do passado, como ensinava Walter Benjamin (2012). Além disso, o capítulo traz uma discussão sobre os debates em torno da sexualidade, apresentando leituras que procuraram explicá-lo segundo uma perspectiva essencialista ou construcionista, e mostrando as tensões e relações de poder que a fabricam. O diálogo elaborado por Quinalha recorre a nomes importantes no campo, a exemplo de Judith Butler, Didier Eribon, Michel Foucault, Laurent Berlant e Michael Warner.

O segundo e terceiro capítulos abordam as formas de (proto)ativismo homossexual na Alemanha e nos Estados Unidos, respectivamente. O escritor mostra a emergência da identidade homossexual no século XIX e seu deslocamento do posto de pecado para distúrbio hormonal, condição fundamental para “o surgimento do protoativismo do fim do século XIX” (2021, p. 46), sobretudo na Alemanha, acompanhado de uma identificação individual e coletiva entre sujeitos que se relacionam com outros do mesmo sexo e de publicações diversas que passam a defender “a naturalidade das relações e identidades homoeróticas” (2021, p. 47). Em termos de mercado editorial brasileiro, faltava uma obra que apontasse com fineza o papel da Alemanha na

elaboração do movimento homossexual, atentando para o contexto do momento e conferindo destaque a sujeitos como o jurista Karl Heinrich Ulrichs. Agora, a lacuna foi pincelada.

Com estrutura semelhante, o terceiro capítulo, *Ativismo nos Estados Unidos*, disserta sobre as condições históricas dos EUA no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, da migração de gays e lésbicas brancos/as para as cidades, da reunião em bares, o que resultaria na emergência de uma subcultura e uma identidade gay. Quinalha comenta sobre dois tipos de ativismo no país, um que seria mais bem-comportado e com uma bandeira homossexual mais disciplinada moralmente, a exemplo da Mattachine Society, e outro mais transgressor, com concepções mais profundas de sexualidade e de crítica ao “modo de vida burguês, ao imperialismo estadunidense e às amarras familiares” (2021, p. 85), tal foi o caso do Gay Liberation Front (GLF) e da Gay Activists Alliance (GAA). Igualmente, pouco foi publicado no Brasil sobre as condições históricas do surgimento do ativismo homossexual nos EUA, em outra oportunidade, coube a Jorge Caê Rodrigues tocar no assunto. Vale acrescentar a atualidade da discussão empreendida pelo ativista, dialogando com referências já clássicas sobre o tema, como John D’Emilio, até Marcia Gallo, Marc Stein e George Chauncey.

O penúltimo capítulo do livro reflete o movimento homossexual brasileiro e, já de chegada, propõe uma leitura inédita para o tema. Quem estuda o movimento LGBTQ+ brasileiro supostamente já se deparou com uma divisão de etapas do movimento para fins didáticos, semelhante ao modo como faz o movimento feminista. Haveria duas ondas para o caso brasileiro, uma proposta por James Green e a outra por Júlio Simões e Regina Facchini (2009). Quinalha, por sua vez, propõe uma chave de leitura para o movimento, recorrendo à noção de ciclos concêntricos, de André Frank e Marta Fuentes. Para ele, o termo ciclo “possibilita uma articulação menos esquemática e mais mediada entre avanços e retrocessos em agendas paralelas, ainda que em intensidades distintas, em cada momento histórico, com suas próprias ambiguidades e tensionamentos” (2021, p. 103). Os ciclos apresentados pelo

autor vão desde a emergência do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), que colocou discursivamente os corpos homossexuais nos espaços públicos do país (SOUTO MAIOR JR., 2021), até o governo de Jair Bolsonaro na Presidência da República. Ele os divide da seguinte maneira: Ciclo de afirmação homossexual e combate à ditadura; Ciclo do HIV/AIDS e “ONGuização”; Ciclo de Institucionalização, visibilidade pública e mercantilização; Ciclo da cidadanização, da diversificação e dos direitos, Ciclo de backlash e bolsonarismo.

Dividido em onze tópicos – ou seria mais apropriado falar em flechas, tamanhas as suas assertividades? –, o último capítulo, *Desafios para o movimento LGBTI+ na atualidade*, é um esforço do autor para analisar as pautas atuais e consideradas decisivas para a militância atual. Penso que algumas flechas podem suscitar estudos instigantes por parte da historiografia LGBTI+ no Brasil. Uma delas é como a questão do neoliberalismo e do *pink money* impacta o movimento, levando à integração de pessoas na sociedade não necessariamente por um “projeto coletivo, mas pelo consumo individual” (2021, p. 149). Outra diz respeito ao conceito de interseccionalidade e da sua articulação com o movimento LGBTI+ a fim de que categorias de classe, gênero, raça, pertencimento religioso, etnia, não passem despercebidas. Quinalha toca ainda na questão atual do lugar de fala no sentido de valorizarmos a fala e a escuta de todos/as/es, sobretudo se se trata de falas aliadas ao movimento. Mais um tema a ser destacado no quinto capítulo, que versa sobre a preservação dos acervos como lugares de memória das vidas LGBTI+. O autor pontua que arquivos públicos e outras instituições têm sido criadas para preservar essa memória. É o caso do Acervo Bajubá e do Arquivo Lésbico Brasileiro, e de programas de pós-graduação no Brasil que, graças a investimentos nos anos 2000 e ao programa de cotas, têm recebido estudantes querendo contar uma história que, muitas vezes, é igualmente sua.

Ao longo das suas 197 páginas, surpreende como um livro com um panorama tão importante chegue ao público sem imagens. Acredito que a presença desse tipo de fonte traria um “ar de passado”, não para ser usada

como mera ilustração de uma ideia, mas para fortalecer, exemplificar e analisar argumentos. Os acervos brasileiros da história LGBTI+ já contêm hoje inúmeros materiais iconográficos que poderiam enriquecer ainda mais a obra. Nada que uma segunda edição não resolva.

São diversos os temas tratados no livro e, por consequência, o gosto de conhecer mais e produzir pesquisas que (nos) permitam constantes reescritas sobre o movimento LGBTI+ brasileiro, o que pode gerar complementações, refutações, aproximações, mas, sobretudo, o diálogo com obras que ficam. O livro de Renan Quinalha é desses livros que ficam! É, ficam! Ainda que o tempo passe e outras obras sejam escritas, *Movimento LGBTI+* permanecerá como um vagalume nas estantes em que habitará, sendo luz ainda em certa escuridão. Um conselho? Prepare uma dose de sexualidades dissidentes com bastante gelo e se deleite na leitura.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FACCHINI, Regina; SIMÕES, Júlio. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes**: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

QUINALHA, Renan; GREEN, James (Orgs.). **Ditadura e homossexualidade**: repressão, resistência e a busca pela verdade. São Carlos: UFSCAR, 2014.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de identidade**: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Rio de Janeiro: UFF, 2010.

SOUTO MAIOR JR, Paulo R. Inventar os corpos: A luta discursiva das homossexualidades masculinas durante a ditadura militar no Brasil (1978-1981). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 12, p. 418-447, 2020.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. São Paulo: Max Limonad, 1986.